

JORNAL: O. da Bahia

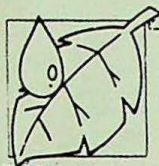
DATA: 4/6/91

CAD: Am. Salvador

PAG: 1

Assunto: MEIO AMBIENTE / Lagoa do Abaeté

Ambientalistas repensam o Abaeté



Seminário debate novas 'fórmulas' para preservar as lagoas e dunas da área

O Parque Metropolitano das Lagoas e Dunas do Abaeté é um parque feito de papel. Apesar do nome pomposo, as propostas para transformar o ecossistema — formado por dunas e lagoas — em instrumento de preservação governamental nunca saiu do projeto, e hoje as entidades ambientalistas tentam repensar o movimento em prol da conservação do meio ambiente e aproveitar o momento político propiciado pela Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento — ECO 92.

Essas foram algumas das abordagens debatidas durante o seminário "Abaeté Hoje", promovido pelo grupo ecológico, desportivo e cultural Nativo, ontem às 19h, na Fundação Gregório de Matos. O seminário faz parte do calendário de eventos e atividades programado pelo grupo para a Semana Ecológica, e contou com a participação de entidades ambientalistas. Entre os debates, o mais polêmico é a proposta de cercar o Parque do Abaeté, defendido como a única solução para a preservação do ecossistema local pelo Nativo, porém, apontado como uma solução 'complicada' para o representante do Grupo de Recomposição Ambiental, o Germen.

A cerca — Para o presidente do grupo Nativo, Antônio Conceição Reis, cercar o Parque do Abaeté — a exemplo do que foi feito no Parque do Ibirapuera, em São Paulo — vai coibir a ação dos invasores e a construção de condomínio clandestinos, além de faci-

litar a fiscalização. Mas José Augusto Saraiva, do Germen, lembra que a prefeitura já cercou a área quatro vezes e a própria população destruiu as cercas. "Para evitar este desperdício de investimento, é só repensar uma nova maneira de delimitar a área", acrescenta ao dar exemplos como colocar marcos cênicos — esculturas — que denunciem o local como de preservação.

Segundo Antônio Reis, o que dificulta a ação dos grupos ambientalistas é que o Abaeté está em um local para onde a cidade está crescendo, "e grandes interesses imobiliários são feridos", além do projeto do parque nunca ter sido bem definido. Com isso, algumas lagoas já desapareceram, outras estão ameaçadas e as lagoas temporárias — que surgiam no período de chuvas — não mais aparecem. "Esta é a prova de que o lençol freático do Abaeté já está comprometido", denuncia.

Eles explicam que a Comissão de Avaliação Técnica do Abaeté (Cata), instituída em agosto de 1984, se desfez ao constatar que os estudos desenvolvidos não tiveram o apoio de políticos para que as propostas fossem concretizadas. "O grupo se reunia todas as semanas na pro-reitoria de extensão da UFBA, e realizaram estudos paisagísticos, geológicos, hidrogeológicos e sócio-econômicos, que serviram de base para a criação da Área de Proteção Ambiental do Abaeté — cerca de 1.800 hectares —, mas nada saiu do papel. Faltou um jogo de cintura política", explicam ao acrescentar que o momento político hoje é outro.